

Expresso

25-04-2015

Periodicidade: Semanal

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 131300

Temática: Política

Dimensão: 498

Imagem: N/Cor

Página (s): 34

O eurodeputado do PSD e o problema dos fluxos migratórios

O Conselho Europeu e o Mediterrâneo: Falhou no que era mais urgente

Carlos Coelho

O Papa Francisco denunciou: Estamos a transformar o Mediterrâneo no maior cemitério da Europa. Entre Lampedusa e as tragédias da passada semana, em que morreram mais de mil pessoas, mediamos dezenas de “pequenos incidentes” que ceifaram a vida a milhares de pessoas. Só em 2014 terão sido mais de 3500.

Os desafios que se colocam à política de imigração não são recentes. Mas a sua intensidade tem aumentado.

Com a entrada em vigor do Tratado de Amesterdão (em 1999), a União Europeia ganhou novas competências na imigração e no asilo. No mesmo ano, em Tampere, os chefes de Estado e de Governo apelaram a “Parcerias com os países de origem”, a um “Sistema comum europeu de asilo”, a “uma gestão mais eficaz dos fluxos migratórios [...] em estreita colaboração com os países de origem e de trânsito”, e a “combater os indivíduos que estão envolvidos no tráfico de seres humanos e na exploração económica dos migrantes”. Frases como estas têm vindo a ser repetidas ao longo dos anos.

Aquando da tragédia de Lampedusa, já o Norte de África fervilhava com instabilidade pós-primavera árabe, e a Síria e a Líbia se encontravam em guerra civil. O Conselho decidiu-se pela criação do Grupo de Missão para o Mediterrâneo. E lá vieram as mesmas palavras de ordem.

Como disse Ahmed Abdalla, um somali de 47 anos ao Expresso: “Não vamos à procura de uma vida melhor. Vamos à procura de vida. Atrás de nós só há morte.”

Responder de forma séria ao problema dos fluxos migratórios envolve seguramente medidas de fundo que passam por:

- Regular melhor a imigração legal e combater a ilegal;
- Contribuir para a paz nos territórios em guerra, com destaque para a Síria;
- Pôr cobro à situação de vazio de poder na Líbia;
- Derrotar o autointitulado Estado Islâmico;
- Combater eficazmente os traficantes de seres humanos;
- Investir mais em cooperação e desenvolvimento.

Todas elas são importantes mas não produzem resultados no curto prazo!

Esperava sinceramente que o Conselho Eu-

ropeu respondesse a dois desafios:

- Que finalmente definisse uma real política europeia para a migração;
- Que desse uma resposta de emergência humanitária face às pessoas que estão a tentar atravessar o Mediterrâneo e, em grande número, perdem a vida.

Ora, as medidas aprovadas pelo Conselho não respondem a nenhum dos dois desafios. As medidas de longo prazo não terão consequência agora e as que requerem efetiva solidariedade esbarraram na falta de consenso. E o Conselho falhou rotundamente no que era mais urgente. Triplicar o orçamento da Operação Triton é positivo mas claramente insuficiente. Triplicar o Triton é ter no Mediterrâneo uma operação comunitária em nome de 28 Estados-membros com menos recursos financeiros do que a missão Mare Nostrum, que a Itália sozinha levou a cabo.

Devíamos recordar aos chefes de Estado e de Governo o que aprenderam quando eram pequenos: que não se deve deixar para amanhã o que devemos fazer hoje. Sabendo que, neste caso, não se trata apenas de um problema de gestão do tempo. Trata-se da diferença entre a vida e a morte para milhares de pessoas.